

Nacional



David Justino
Coordenador Atlas
da Educação

Há escolas que estão a fazer autênticos milagres. Que não estão sujeitas ao determinismo escolar”

“Há um mecanismo de segregação, em especial de filhos imigrantes, funcionando quase como guetos escolares”

“Há uma indiferenciação muito grande [nas escolas]. A autonomia não existe. Alinha-se tudo na mesma retórica e nas mesmas práticas”

Atlas da Educação : casos de sucesso em contexto desfavorável

Concelhos em que os resultados dos exames nacionais contrariaram indicadores socioeconómicos baixos e estimativas de resultados
MÉDIA NOS EXAMES NACIONAIS, ASSUMINDO QUE A MÉDIA CORRESPONDE AO ÍNDICE 100

4.º ano de escolaridade

TOP 10	Indicador socioeconómico (2013-15)	Valores observados (2013-15)	Valores estimados	Diferença observados/estimados
Almodôvar	-0,9	106,0	94,0	12,0
Alfândega da Fé	0,0	106,6	94,9	11,8
Tarouca	0,3	106,0	95,1	10,9
Redondo	-2,8	102,2	92,1	10,1
Mortágua	6,8	111,6	101,7	9,9
Póvoa de Varzim	3,2	108,0	98,1	9,9
Manteigas	3,8	107,8	98,7	9,1
Aljezur	-0,9	103,0	94,0	9,0
Barrancos	-1,9	101,4	93,0	8,4
Vila Viçosa	0,7	103,9	95,6	8,3

9.º ano de escolaridade

TOP 10	Indicador socioeconómico (2013-15)	Valores observados (2013-15)	Valores estimados	Diferença observados/estimados
Arruda dos Vinhos	18,5	124,4	108,8	15,5
Penedono	3,7	108,5	93,7	14,8
Fornos de Algodres	6,4	109,1	96,4	12,6
Elvas	-2,3	97,1	87,6	9,5
Estremoz	0,3	99,3	90,2	9,1
Marvão	4,1	102,6	94,1	8,5
Montemor-o-Velho	10,1	108,5	100,2	8,3
Mourão	-3,3	94,6	86,5	8,1
Peso da Régua	0,7	98,8	90,7	8,1
Serpa	1,1	99,0	91,0	8,0

6.º ano de escolaridade

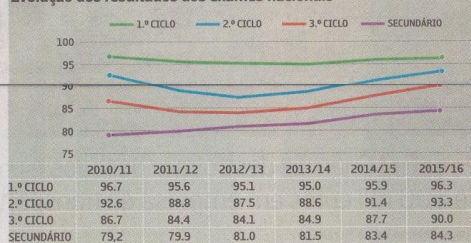
TOP 10	Indicador socioeconómico (2013-15)	Valores observados (2013-15)	Valores estimados	Diferença observados/estimados
Manteigas	7,7	118,7	96,6	22,1
Arruda dos Vinhos	17,3	120,0	107,8	12,2
Sernancelhe	4,0	106,9	95,1	11,8
Póvoa de Varzim	6,8	107,8	97,7	10,1
Anadia	11,8	112,6	102,6	10,0
Alandroal	-1,6	99,3	89,7	9,7
Viseu	11,8	112,0	102,5	9,5
Vila Nova de Paiva	5,4	105,7	96,5	9,2
Vidigueira	-1,4	99,0	89,9	9,1
Meiça	5,4	105,4	96,4	9,0

Secundário

TOP 10	Indicador socioeconómico (2013-15)	Valores observados (2013-15)	Valores estimados	Diferença observados/estimados
Matosinhos	11,4	118,4	100,3	18,0
Caldas da Rainha	10,3	113,2	99,8	13,3
Mértola	-5,3	97,3	84,6	12,7
Arganil	4,4	106,3	94,0	12,2
Oleiros	2,4	103,2	92,1	11,0
Redondo	-1,9	98,8	87,8	10,9
Trofa	8,3	108,1	97,8	10,3
Baião	-0,6	99,1	89,2	10,0
Ourique	-3,8	95,9	86,0	9,9
Mangualde	8,9	108,1	98,4	9,6



Evolução dos resultados dos exames nacionais



FONTE: ATLAS DA EDUCAÇÃO 2017 INFOGRAFIA.JN

Ensino Atlas da Educação 2017 observa agravamento do fosso territorial.

Investigadores alertam para segregação de alunos de origem imigrante

Quando a escola faz a diferença e contraria o determinismo

Joana Amorim
jamorim@jn.pt

► É o retrato de um país a múltiplas velocidades. Confirmando que o fosso territorial agravou-se. Com polos positivos nas áreas metropolitanas do Porto e Lisboa (AML) e no litoral centro e norte e negativos nas periferias dessas áreas metropolitanas, no interior e no sul do país. Mas também com escolas que produzem “autênticos milagres”, nas palavras do antigo ministro da Educação David Justino, coordenador da mais recente edição do “Atlas da Educação 2017”.

“A escola pode fazer a diferença, como fica bem patente na identificação, quer dos concelhos, quer das escolas/agrupamentos [ver infografia] que, não obstante os contextos socialmente desfavoráveis onde se inserem, obtêm bons resultados escolares.” Assim se lê no documento a que o JN teve acesso e que será apresentado no próximo dia 25, numa iniciativa da Associação EPIS – Empresários pela Inclusão Social em parceria com o centro de investigação CICS.NOVA.

Segundo os investigadores, as escolas que contrariam o determinismo situam-se, “predominantemente, nas periferias das grandes cidades, em número considerável no norte litoral, mas encontram-se dispersas um pouco por todo o país”. Como é o caso que retratamos na página ao lado do Agrupamento de Escolas de Manteigas.

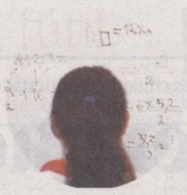
O porquê do sucesso

O peso das variáveis organizacionais é diminuto. Olhando para a dimensão das turmas, o seu “efeito” é residual em todos os ciclos, não sendo possível, no entanto, concluir que “um aumento ou redução de alunos por turma possa contribuir para melhorar ou piorar os resultados”. E chegamos à elitização. Porque muitas das turmas de maior dimensão estão, precisamente, nas zonas de maior pressão demográfica, mais urbanizadas, onde é maior o número de alunos provenientes de estratos sociais elevados.

O que nos leva, por conseguinte, a uma discriminação ao nível do corpo docente, que nos ciclos de escolaridade mais elevados es-

Mapa Docentes do quadro nas metrópoles

De acordo com o Atlas, a medida que se avança nos níveis de ensino, "aumenta a concentração dos docentes do quadro nas áreas metropolitanas e na faixa litoral a norte do Tejo". Para os investigadores, trata-se de "um duplo efeito de discriminação das escolas".



9,1

anos de escolarização

feminina em 2011, contra 8,6 masculina no grupo etário dos 25 aos 64 anos. "O esbatimento da desigualdade de género certamente contribuiu para a grande redução da desigualdade de escolarização da população."

EPIS Mais de 21 mil alunos acompanhados

A EPIS é hoje o maior parceiro privado do Ministério da Educação no combate ao insucesso e abandono escolar. Os programas EPIS completaram em 2017 nove anos consecutivos de aumento do sucesso escolar dos mais de 21 mil alunos acompanhados no país.

1,4

anos por decénio

foi o aumento da escolarização média da população entre 1991 e 2011. Passou de 4,6 para 7,4 anos. Contudo, "não atingiu o número de anos correspondente ao 3.º ciclo, referência para a escolaridade obrigatória".

colhem escolas do litoral com melhores resultados ("orientadas para a maximização dos resultados nos exames nacionais"). Sobrando para as periferias e para o interior professores com menos anos de experiência.

E o que faz a escola? O que todas as outras fazem. Sem marcas distintivas. Para surpresa de David Justino, "a cultura organizacional escolar é pouco diferenciadora". De acordo com o Atlas, "existe uma cultura escolar associada ao poder prescritivo e burocrático da ação centralizada do Ministério da Educação, mas são incipientes as culturas das escolas enquanto referenciais distintivos". Os investigadores concluem, por isso, que "a ideia da autonomia das escolas [...] parece ainda uma quimera, que uma abundante retórica alimenta".

Guetização dos imigrantes

O termo é dos investigadores. É a variável com maior efeito negativo: 90% dos alunos de origem imigrante concentram-se em apenas 50 escolas. Com maior incidência na AML e no Algarve. "Se combinarmos os maus resultados escolares com as elevadas taxas de retenção e a sua concentração num número relativamente reduzido

90% dos alunos de origem imigrante concentram-se em apenas 50 escolas

de escolas, arriscamo-nos a falar de segregação de alunos."

No que à carência económica familiar diz respeito, o seu efeito negativo nos resultados escolares é mais relevante no Secundário. Mas não é uma sentença à partida. E voltamos aos milagres. Porque há escolas que "conseguem superar os constrangimentos sociais e acrescentar valor na aprendizagem". Além de que, frisa o estudo, mais do que a capacidade económica, o mais forte preditor do sucesso escolar dos alunos portugueses são as qualificações das mães. "O poder explicativo do capital escolar familiar é crescente à medida que subimos nos ciclos do Ensino Básico, registando uma ligeira quebra no Secundário." ●

Manteigas Agrupamento em zona deprimida é exemplo de sucesso



Renato Alves, com a mascote Kitty, dirige estabelecimento em que o abandono escolar é zero

Viajar pelo Mundo para gostar da escola

A gata Kitty, adotada pelo agrupamento de Escolas de Manteigas, que assiste às aulas e reuniões de professores, não explica o sucesso escolar, mas tem um simbolismo: "Quem vê a gata, percebe de imediato o espírito da escola, o lado humano que não está no currículo", sintetiza o diretor Renato Alves.

É preciso contextualizar: Manteigas é um concelho do distrito da Guarda, na serra da Estrela, com menos de 3500 habitantes, com um único agrupamento, que concentra os 228 alunos, dos quais 98 (43%) são subsidiados para estudar. "São filhos de pais desempregados, provenientes de famílias desestruturadas, com baixo nível de escolaridade. Uma boa parte dos alunos, depois de saírem das aulas, ainda vão ajudar os pais a cultivar os terrenos agrícolas e ordenhar as vacas", explica Renato Alves, que dirige o estabelecimento de ensino há cerca de 20 anos.

"Para estes miúdos gostarem da escola, temos de oferecer mais do que o básico", afirma, defendendo que, numa zona deprimida, "a escola tem de ser um polo de desenvolvimento". A residir na Covilhã, sentiu necessidade de mostrar outros mundos aos alunos. "Apanhei miúdos que nunca tinham ido à Torre" (da serra da Estrela, a cerca de 20 quilómetros)", recorda. E traçou uma das prioridades: "Fazemos viagens ao estrangeiro: à Turquia, à Grécia, à Croácia. Contamos com a ajuda da Câmara e da Jun-

ta, que suportam a quase a totalidade dos custos das deslocações, gratuitas para os alunos".

Sobe-se o nível de motivação dos alunos e aprendem o que a sala de aulas não lhes ensina. Dora Pereira, professora no agrupamento há três semanas, notou que os alunos "não percebem porque têm de aprender Inglês", a disciplina que leciona. Esta é uma das vantagens das viagens, explica a professora Maria João Costa, responsável pelo projeto Comenius. "Os alunos percebem a utilidade do Inglês, conhecem outras culturas e valorizam a própria terra".

Neste agrupamento, as turmas são de 15 alunos. O diretor dá "flexibilidade aos professores" na sala de aulas. Em troca, fomenta a proximidade entre todos, como se de uma família se tratasse. Renato Alves sabe de cor o nome dos 228 alunos e as carências de cada um: "Sempre que detetamos uma dificuldade, nem que seja a falta de um par de sapatos, resolvemos em conjunto".

Há um professor (tutor) em exclusivo para cada aluno que precise de apoio, um rácio muito superior ao recomendado pela tutela de um por tutor por cada grupo de dez alunos.

O sucesso é ainda explicado com atividades como o judo, projetos ambientais, aulas de vela e quase todos os estudantes integraram as duas bandas musicais de Manteigas. "O abandono escolar aqui é zero e todos os alunos vão para a faculdade e entram nos cursos que querem", conclui o diretor. SANDRA FERREIRA

flash:



Diogo Simões Pereira

Diretor-geral da Associação EPIS – Empresários pela Inclusão Social

"Atlas mostra que insucesso escolar não é um fatalismo"

Quais as grandes conclusões deste Atlas da Educação 2017 ao mapear o país por agrupamento de escola?

O Atlas da Educação 2017 permite perceber como se distribui geograficamente o insucesso escolar. Que não há padrões regionais. Vem mostrar que o insucesso escolar não é um fatalismo.

São os tais "milagres" de que fala David Justino, antigo ministro da Educação. Escolas que apesar do meio em que estão inseridas conseguem fazer a diferença, como o Agrupamento de Escolas de Manteigas.

Mesmo em ambientes rurais, há boas e más escolas. Por exemplo, a escola de Curral das Freiras, na Madeira, em que o projeto educativo do diretor deu resultados e é hoje uma das melhores escolas. A transformação das escolas é possível. Nos últimos anos, o insucesso escolar tem vindo a diminuir, mas não de forma homogênea.

Porque há fenómenos de segregação? Como acontece aos filhos de imigrantes?

Há bolsas de escolas que são bolsas de resiliência à questão do insucesso escolar. É a questão da imigração tem que ter uma abordagem específica no futuro. Se não houver políticas focalizadas e especializadas neste tipo de bolsas não vamos lá. Com políticas gerais não vamos lá. J.A.